

A UNIÃO DE FACTO

Veleiro Leão Holandês & Malas de viagem Louis Vuitton

Em busca da Terra do Nunca

TEXTO **SASKIA LOJA**
FOTOGRAFIAS **HERBERTO SMITH**
PRODUÇÃO **EPICUR**
MODELOS **B. SMITH E F. SMITH**


LEÃO HOLANDÊS
ASSENGERS
LOUIS V
C.C

Deixar a imaginação fluir com naturalidade pode parecer uma tarefa difícil entre tantos compromissos do quotidiano. Mas trata-se de um exercício essencial para manter a lucidez. A meditação será uma técnica a ter em conta, mas a nossa sugestão é mesmo viajar. Deixe-se fascinar pelas maravilhas do mundo que ainda lhe restam descobrir (desengane-se se acha que é dono supremo da razão), e aceite o dom do desconhecimento: prepare as malas, dando um passo em frente. Para o infinito e mais além. «Segunda à direita, sempre em frente até de manhã.» Próxima paragem? A Terra do Nunca.

Não tenha receio de se perder. Evoque a sua criança interior: segundo Sir James Matthew Barrie, criador do famoso Peter Pan, [*Peter and Wendy*, 1911], um mapa da *Neverland* seria semelhante ao mapa mental de uma criança, sem qualquer tipo de fronteira. Ah, saiba que também há um lago sobrevoado por flamingos.

Se não sabe voar pode sempre ir de veleiro. No Leão Holandês não há Capitão Gancho, mas há capitão Dirk Willem Gesink. Há cerca de 20 anos, Dirk veio passar a lua-de-mel a Portugal e ficou desapontado – não encontrou nenhum veleiro que fizesse a travessia do majestoso Tejo. Em 1987, comprou o veleiro *Sepha Vollaars* e começou a fazer passeios turísticos no Algarve. A família Gesink passou a viver nesta embarcação, tendo as suas duas filhas nascido a bordo. Em 1991, os Gesink mudaram-se para Lisboa e o veleiro foi rebatizado com o nome que ostenta hoje. Desde então, tem sido uma referência na cidade ribeirinha, por ser a mais antiga e experiente empresa de turismo marítimo, organizando passeios exclusivos no Tejo, em Lisboa ou mesmo até Cascais, ao longo da costa do Estoril, em eventos particulares ou corporativos.

O Leão Holandês é uma escuna clássica de três mastros, originalmente construída em 1910 com dois mastros, em Groningen, no norte da Holanda. À época, o seu nome era *Amalie*, sendo utilizada para transportar madeira entre a Alemanha e a Escandinávia por um *skipper* alemão, o Capitão Dehde. Em 1923, foi-lhe acrescentado um mastro e mais seis metros aos já 33 existentes. Em 1975, foi remodelado de acordo com as linhas originais, passando a envergar a bandeira holandesa. O *Sepha*



Vollaars fez viagens comerciais na Holanda entre 1979 e 1983, ano em que o seu novo dono suíço a levou para o Taiti. A permanência num estaleiro na Bélgica foi a oportunidade de chegar a Portugal, onde finalmente voltou a içar as velas e a cruzar as águas, já batizado com o sonante título de Leão Holandês.

Para chegar à Terra do Nunca – para qualquer viagem, na verdade – basta levar consigo pensamentos felizes, confiança e pó de fada. Claro, uma mala dá sempre jeito. Mas não pode ser qualquer uma, há que escolher um modelo especial: nada como uma Louis Vuitton. A Sininho sugere a Capucines BB cor-de-rosa em pele *taurillon* e *piton*. Porque será?

Louis Vuitton poderia ter sido um Peter Pan. Em 1835, com 13 anos, partiu a pé, sozinho, desde a casa de família na vila de Anchay, na zona florestal de Jura, uma região montanhosa subalpina, a norte dos Alpes ocidentais. Mais de 400 quilómetros e dois anos depois, o jovem Louis chegaria ao seu destino físico e vocacional: Paris, cidade cosmopolita onde aprenderia a arte da *malleterie*. Em 1835, a escritora e novelista britânica Frances Milton Trollope escrevia sobre o prazer de revisitar Paris, sete anos e sete meses após a sua última passagem pela cidade: «França rejuvenesceu novamente; tenho a certeza de que, de acordo com a presente condição da razão humana, tudo está exatamente como deveria estar. (…) Nada



do que conheci em todas as minhas viagens foi capaz de abafar o prazer com que regresso a esta cidade alegre, brilhante, barulhenta e inquieta – esta cidade dos vivos, como justamente deve ser chamada, mais do que qualquer outra.» (*Paris e os Parisienses*, 1835) Podemos imaginar o novo mundo que Louis Vuitton descobria com esta viagem e o contraste entre a sua terra natal e Paris, profundamente influenciada pela revolução industrial. Instalado na capital aos 16 anos, Louis começou a aprender a mestria que lhe valerá um império com Monsieur Marechal, fabricante de caixas e empacotador,

Epicur_primavera_2017_miolo.indd 22 07/03/17 13:37



«Segunda à direita, sempre em frente até de manhã.» Encarne a primavera da vida, estação após estação, e parta à descoberta.

um ofício urbano respeitável. Em poucos anos, Louis ganhou reputação enquanto um dos melhores da sua área, criando embalagens exclusivas e personalizadas para os clientes abastados. Fundou a sua pequena *maison* em 1854, precisamente na Rue Neuve des Capucines – a nossa nova palavra mágica favorita. Em 1858, introduziria um formato inovador de malas retangulares, ideais para empilhar e arrumar, preparadas para garantir a segurança dos objetos mais requintados e frágeis ao longo das periclitantes viagens. As portas para os consumidores de elite e da realeza abriram-se com a primeira cliente *premium:* Eugénie de Montijo, 16ª Contessa de Teba, 15ª Marquesa de Ardales e esposa de Napoleão III, elegeu-o como seu *malletier* pessoal (sim, Montijo, leu bem). As inovações sucederam-se graças ao *savoir-faire* herdado de geração em geração, e finalmente, após a morte do visionário Louis, em 1892, o filho Georges decidiu prestar-lhe homenagem desenhando um brasão para família, que daria origem ao icónico padrão *Monogram*, que hoje cobre a tela dos modelos mais clássicos da Louis Vuitton. A excelência é um dos valores nucleares da marca, notória nas coleções que apresentam sucessivas interpretações e adaptações às malas e carteiras que adornam braços e fantasias de mulheres e homens um pouco por todo o mundo. A Terra do Nunca não é assim tão longe. Afinal, quem nunca sonhou acordado? "Bata palmas se acredita!". E *Bon voyage*.

Epicur_primavera_2017_miolo.indd 23 07/03/17 13:37